

# A ENTIDADE SOBRENATURAL DA ÁGUA

## *Water as a supernatural entity*

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

*jde@fl.uc.pt*

*Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9090-557X>

DOI

[https://doi.org/10.14195/0870-4112\\_3-6\\_3](https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-6_3)

*Texto recebido em / Text submitted on: 06/12/2019*

*Texto aprovado em / Text approved on: 13/02/2020*

**Biblos.** Número 6, 2020 • 3.<sup>a</sup> Série

pp. 55-69

**RESUMO.**

Num momento crucial da Humanidade, em que a necessidade de preservar a água potável se tornou fundamental para a continuação da vida sobre a Terra, recorda-se neste ensaio como, ao longo dos tempos e, de modo especial, na época romana, aos mananciais e aos rios se atribuíam virtudes sobrenaturais. Alude-se também à actividade dos vedores (*aquileges*).

**Palavras-chave:** *Fons; Fontana; Nympha; Aquilex;* Culto das águas.

**ABSTRACT.**

At a crucial time for humankind, when the preservation of potable water is one of the most important problems across all the regions of the world, this essay reminds us how in Roman times the fountains and rivers were involved in a sacred veil. The *aquileges*, Roman water-diviners, had the technical knowledge while also being inspired by the gods.

**Keywords:** *Fons; Fontana; Nympha; Aquilex;* the cult of water.

Desde há séculos que se tornou comum o uso da expressão “o culto das águas” para identificar a atitude duma comunidade para com os elementos naturais susceptíveis de as fornecer: os rios, os mananciais e o próprio mar.

Também desde há muito que os investigadores — da História, da Etnologia e Etnografia, da Geografia... — se debruçam sobre essas manifestações, inserindo-as habitualmente nesse halo de religiosidade, uma vez que à primordial existência da água, imprescindível à vida, se atribuiu permanente númen divino.

Nada de novo, porém, se poderá esperar desta mui singela reflexão, em jeito de ensaio, tanto mais que — como o demonstra rápido relancear pela bibliografia existente, de que se referirão apenas alguns textos, quiçá não os mais significativos — estamos perante tema deveras aliciante.

## 1. OS RIOS

Quando, mesmo longe do tempo já, vemos a fotografia do rio Ebro, na sua enchente de 4 de Abril de 2007, algo há, de certeza, a mexer no nosso íntimo. Ao lado, imponentes, as torres da catedral-basílica de Nossa Senhora do Pilar nada temem, apesar de, no fundo, se verificar que pouco falta para as águas lamacentas atingirem o tabuleiro da vetusta ponte de pedra de Zaragoza.

Estremeceu a população. Muitos não terão hesitado em entrar na catedral, para acenderem uma vela à Senhora. O sacristão, solícito, passará pouco depois para a levar consigo, juntamente com as outras, meio consumidas que estejam, para darem lugar a mais. O voto, porém, fora cumprido. E terão recordado à Virgem que há muito lhe colocaram a imagem, também sobre um pilar, mesmo diante da fenda rochosa, em Fontibre, nas Astúrias, donde, em borbotões, o Ebro se solta. A Santa santifica as águas; protegerá as terras e as gentes que o rio encontrará no percurso.

Não é o mais comprido da Hispânia, que o Tejo nesse aspecto o suplanta, mas os seus 930 km são... uma vida. São... vidas. O próprio rio, assim, terá personalidade própria, divina quiçá. Como divindade o representarão, aliás, os Romanos, na estátua que, em jeito de personagem, lhe erigiram e de que ainda se pode admirar um fragmento em Tarragona, com a inscrição FLVMEN HIBERVS (HEpOL 9787). Aliás, um altar, hoje no Museu de Estrasburgo (Hatt, 1970: 319-

321, figs. 9, 10), foi dedicado por *Oppius Severus, legatus Augusti, Rheno Patri*, “ao Pai Reno”, e da decoração que ostenta se deduz que a divindade foi honrada com uma *suovetaurilia* (sacrifício de um porco, uma ovelha e um touro). Também o rio Reno se divinizou, portanto.

Diz-se que o nome “hiberus” poderá, até, ser um derivado de palavra indo-europeia significando “rio”; como se o Ebro fosse “o rio” por excelência. E de tal modo a importância do Ebro entrou no inconsciente colectivo — a formar um arquétipo — que do seu nome fizeram derivar o etnónimo Iberos, a expandir-se depois por toda a península que Ibérica passou a chamar-se.

A força telúrica das águas correntes — que sempre benfazeja se quer — detinha, pensou-se desde sempre (ousar-se-ia dizer), a virtude emanada da divindade suprema. Corrente — a lembrar ao Homem, como, um dia, o imperador Marco Aurélio escreveu, que “O tempo é como um rio que os acontecimentos formassem, um rio torrentoso. Mal uma coisa se anuncia, ei-la que já lá vai: no seu lugar já está outra em jeito de abalada” (*Pensamentos*, IV, 43). Corrente, porque purifica. E de imediato se recorda o Ganges e as cerimónias rituais hindus; o Jordão, onde Cristo se quis fazer baptizar (Mc 1, 7-11).

Quando os Romanos chegaram ao estuário do Tejo — rio a que chamarão de *aurifer*, dada a abundância de pepitas facilmente achadas no seu leito a montante — houve, naturalmente, quem se decidisse por uma vida urbana, na administração e no comércio; outros, no entanto, preferiram demandar os arredores mais propícios às tarefas agrícolas. Assim terá feito Tito Curiácio Rufino e sua família. Chegou ao lugar hoje chamado Freiria e apercebeu-se da pujança do seu ribeiro de águas cristalinas. Os terrenos derredor ofereciam-se aptos e, por isso, optou por ficar. Não sem, antes, solicitar o apoio divino. Aos raros habitantes indígenas terá perguntado. Sim, responderam, *Triborunnis* é a nossa divindade protectora. Se esse não foi o nome, foi assim que *Rufinus* entendeu (Encarnação, 1985). Chamou o canteiro e encomendou o altar, que, de livre vontade, lhe dedicaria. Um desafio, portanto, para o epigrafista de hoje: *Triborunnis*? Que etimologia lhe poderemos atribuir? Parte-se do princípio que o teónimo ressuma um significado concreto, assim se raciocinaria então, como na actualidade. Dar o nome adequado às características protectoras. Que motivara, de modo especial, a vontade de ficar? O fértil caudal do ribeiro. Dir-se-á que por esse motivo se

deixaram influenciar os linguistas; o certo é que, com base em radicais análogos, de âmbito indo-europeu, se apontou como explicação verosímil a possibilidade de o teónimo *Triborunnis* — forma paralela a *Trebaruna* e *Trebaronna*, teónimos também documentados na Lusitânia romana — ter derivado de *treb-*, a que se atribui o sentido de “casa”, e *run-*, tema detectável em vocábulos de origem indo-europeia também ligados à água corrente, de que o potamónimo *Aronne*, rio da Gália, poderia ser paralelo. “Casa da água” afigurava-se, pois, deveras aliciente como explicação para nome estranho ao vocabulário latino.

A água corrente, detentora de poder divino.

## 2. AS FONTES TERMAIS

Segundo a opinião corrente, citada por todos quantos ao tema alguma vez se dedicaram (Jacobi, 2013, 2017), Carl Gustav Jung definiu arquétipo como uma estrutura universal derivada do inconsciente dos povos, estrutura que, pouco a pouco, se foi consolidando e dela são manifestações os mitos, as narrativas ancestrais a perdurar geração após geração. Na verdade, ao falar da psicologia do inconsciente, o arquétipo assume, para Jung, papel primordial, como manifestação do inconsciente colectivo, algo que a todos nos transcende e nos envolve (Jung, 1978: 102-125).

Que dizer, por conseguinte, da ideia de serem emanação divina as características específicas duma nascente, nomeadamente se a água brotar aí a temperatura fora do habitual? Que força senão essa leva os humanos a acorrer ali, na esperança — amiúde bem fundamentada — de que detêm singulares qualidades terapêuticas? Ocorrer-se-nos-á de imediato, por exemplo, a atitude dos felizes visitantes do criptopórtico romano de Lisboa, que se munem de garrações para trazerem lá de baixo uma água que se reputa salutífera? Não se dizia, de resto, ter-se encontrado ali um altar ao deus romano Esculápio, o protector da Medicina?

Perde-se na noite dos tempos o mais antigo testemunho do uso da expressão “o culto das águas”. É hoje comumente aceite, sem restrições. Prestaram culto à água todos os povos de que há memória. E, nesse âmbito, lugar de relevo mereceram sempre as fontes termiais, atendendo às qualidades salutíferas desde cedo nelas identificadas.

São, por tal motivo, inúmeros os testemunhos deixados pelos Romanos em todo o Império, quer porque os vestígios arqueológicos documentam a sua utilização, quer porque as epígrafes subsistentes atestam a gratidão de quantos às termas acorreram e encontraram alívio para os seus males.

Um dos locais mais conhecidos no Ocidente será, sem dúvida, Bath, na Inglaterra, que mui orgulhosamente se intitula *City of Bath World Heritage Site*, justíssima classificação atendendo ao bom estado de conservação dos banhos romanos e ao facto de o seu uso perdurar até aos nossos dias. Desde 1897 que estão abertos ao público e receberam em 2018-2019 (até Setembro) 1 202 491 visitantes, como o seu responsável, Tony Crouch, teve ocasião de indicar (2020). Visitantes e utentes, esclareça-se.

E, já agora, um outro sítio notável, este na Sardenha: Fondorgianus, nome que poderá ter derivado de *Forum Traiani*, ainda que se saiba ter o sítio ocupação romana antes do imperador Trajano. O estabelecimento termal romano conserva-se praticamente intacto, a população usufrui da água que brota a 55-56° C; de resto, os próprios romanos juntavam as águas do aqueduto com as da nascente, para que não fossem tão quentes; o município teve o cuidado de a canalizar para diversos chafarizes, onde sai a cerca de 48° C e os habitantes usam-na sobretudo para lavar roupa e louça, como desinfectante. Era à divindade Bes (de que se encontraram duas estátuas) que se atribuíam as propriedades curativas das águas e também ali se encontrou um espaço consagrado às ninfas (Zucca, 1986). Tal como em Bath, a visita a Fondorgianus obriga-nos, necessariamente, a recuar milénios.

Da antiga Dácia (actual Roménia), poder-se-ão citar as fontes termais de Geoagiu, a romana *Germisara*, topónimo que se supõe derivado de dois radicais: *germi*, com o significado de ‘quente’, e *sara*, que seria ‘queda de água’. Daí se conhece quase uma dezena de inscrições romanas dedicadas às Ninfas das águas, a que se atribui um carácter sagrado, susceptível de trazer saúde e bem-estar. Numa, datada do ano 186, o porta-estandarte (*aquilifer*) e questor Públio Élio Marcelino agradece às Ninfas Santíssimas ter escapado à morte: “mortis periculo liberatus” (EDCS — 26600831). Noutra, dada como identificada num templo, Marco Lucílio Luciliano, augustal da colónia, consagra uma epígrafe *Nymphis Salutiferis pro salute sua et L(ucii) Antisti(i) Onesimi aug(ustalis) col(oniae)*, “às

Ninfas Salutíferas, pela sua saúde e pela de Lúcio Antístio Onésimo, augustal da colónia” (EDCS — 26600832). Também Marco Aurélio Mossiano, soldado da XIII Legião Gémina, aí fez um voto *Nymphis sanctissimis*, “às Ninfas santíssimas” (EDCS — 03700704).

A tal sortilégio não escapou a cidade de Roma. Poder-se-ia começar por referir a crença salutífera da moeda que, de costas, se lança à Fontana di Trevi; reflexo é, sem dúvida, desse intemporal acreditar na força que das fontes poderia emanar; mas, na actualidade, está o gesto desprovido de significado transcendente. Entre muitas outras possíveis anote-se, a título de testemunho, a dedicatória que o liberto imperial *Chryseros* faz ao Génio do Númen de uma Fonte (EDCS — 17200117). Aqui, o carácter sobrenatural da Fonte sai reforçado pelo facto de ao próprio númen (poder espiritual) se atribuir um espírito protector, o Génio.

Fontes termais não escasseiam por toda a Península Ibérica (Díez de Velasco, 1985, 1998, 2002, 2010). Antes pelo contrário. E muitas estiveram já em uso no tempo dos Romanos (Pérex Agorreta; Miro i Alaix, 2017). Refram-se duas das epígrafes que nos chegaram, a testemunhar esse culto:

— Na antiga *Nescania* (região de Málaga), Lúcio Postúmio Satulo ofereceu, por voto, um altar *Fonti Divino*, “à Fonte Divina” (HEpOL 3088);

— em Arganda del Rey, uma localidade da Comunidade de Madrid, achou-se a epígrafe oferecida às Ninfas por *Rufinus* (HEpOL 8896).

Do território actualmente português é conhecido o grande interesse que o termalismo vem despertando, sobretudo a partir do século XIX, embora se saiba, por exemplo, que el-rei D. José I frequentou as termas do Estoril (onde a água nasce também a mais de 40° C) para alívio dos seus problemas de gota. Há mesmo notícias — ainda que vagas — de que ali se teria achado uma inscrição romana; nunca, porém, se identificou.

Notável é o monumento de Braga chamado Fonte do Ídolo (Elena, 2008). A água sai duma fenda da rocha, onde foi esculpida a imagem do que se tem considerado o númen protector do manancial. É estranha a sua designação, pré-romana: os especialistas hesitam em interpretá-la como nome único, *Tongoena-biacus*, ou como composto de *Tongus* e *Nabiacus*, tendo em conta que também aí se encontrou um ex-voto à divindade *Nabia*, relacionável com a força divina atribuída à nascente.

As termas de Caldas de Vizela também os Romanos as utilizaram. A divindade chamava-se *Bormanicus*, a quem se dedicaram as duas epígrafes de reconhecimento até hoje aí encontradas (Encarnação, 2011: 167-171). Usando do mesmo critério atrás apontado para *Triborunnis*, os linguistas viram no teónimo o radical *Borm-* ou *Borv-* existente em línguas antigas derivadas directamente do indo-europeu, com o sentido de “quente”, adjectivo que bem se enquadra na temperatura da nascente. Numa das epígrafes — cite-se como curiosidade — o dedicante *Caius Pompeius Meidugenus* manifesta tanto empenho em que o seu testemunho perdure séculos afora que mandou gravar, no final, benévolo e aliciante pedido: *Quisquis · honorem · agitas · ita · te · tua gloria · servet praecipias puero · ne linat · hunc lapidem* — frase latina que poderia traduzir-se assim:

“Tu, quem quer que sejas, que anseias por honras, que deste modo te sirva para tua glória que ordenes ao escravo que não suje esta lápide”.

Forma eloquente de cativar e de incitar à preservação do património (diríamos nós, usando terminologia actual).

Em S. Pedro do Sul (porventura *Aquae Sulis*, em tempo de Romanos), uma família romana logrou servir-se de bom estratagema para perpetuar a sua memória. Deve ter solicitado autorização às entidades locais para mandar fazer uma inscrição à divindade que superintendia na nascente. Sem problemas — ter-lhe-ão respondido, que é uma forma de se honrar quem tanto bem nos faz. A inscrição foi feita a Mercúrio, mas a divindade foi associada ao poder político — é “Mercúrio dos Augustos” — e deram-lhe o epíteto de *Aguaecus*, “da água”, sintoma de que, antes dos Romanos, já a força do manancial era venerada. De resto, singular é essa forma de identificação da divindade, uma vez que, duma só penada (passe a expressão), se unem dois panteões, o romano e o indígena, não se esquecendo quanto, nesse tempo, o poder religioso estava de mão dada com o poder político (Encarnação, 2018: 49).

Das termas de Monte Real só dispomos, por enquanto, de um testemunho romano: o pequeno altar, a ser colocado junto à nascente, que *Frontonius Avitus A(nimo) L(ibens) P(osuit)*. Só que há aqui um pormenor não despidendo: a divindade vem mencionada em sigla (F.), porque facilmente se deduziria estar a oferta consagrada à Fonte, a Fontano ou a Fontana. Qualquer das designações serviria (Encarnação, 2017).



Não se conhece exactamente o local donde proveio a inscrição em que Avito roga às Ninfas que intercedam pela saúde de sua mulher (IRCP 569). As informações colhidas apontam, todavia, para a possibilidade de as Ninfas citadas constituírem a encarnação divina das águas que brotavam (e brotam) em Cabeço de Vide. E não será de somenos sublinhar como o devoto suplicou, de modo particular, pela saúde da mulher. É que *salus* não é apenas a saúde física em sentido restrito; é, também, a saúde mental, a serenidade, a boa disposição, o bem-estar.

Em Bencatel, próximo de Vila Viçosa, se terá encontrado uma inscrição, hoje de paradeiro desconhecido, segundo a qual Álbia Pacina roga a Fontano e a Fontana pela saúde de Álbio Fausto (IRCP 438). Não se sabe qual o seu contexto original.

O pequeno altar identificado nas Caldas de Monchique prima pela sobriedade: *Aquis sacris Patulus t(estamento?) p(atris?) v(otum) s(olvit)* — “Por testamento do pai, Patulo pagou a promessa às Águas Sagradas”. Um testemunho: as águas são sagradas (Andreu Pintado, 2017; Fernandes, 2002).

### 3. A ÁGUA NA AGRICULTURA

Problema duma pungente actualidade, bem no sabemos, e que o não seria menos no tempo dos Romanos.

Já vimos a importância de *Triborunnis*, divindade indígena perpetuada em tempo de Romanos. Suspeita-se da importância que ressalta do teor das epígrafes.

Mais não será do que a manifestação de uma devoção familiar a árula que se encontrou no pequeno átrio da Casa dos Repuxos, em Conímbriga, dedicada *L. Aquitibu(s)*; pelo contexto, o desdobramento do L em *Laribus* não sofre contestação. O rumor dos repuxos do magnífico peristilo convidaria à serenidade e, por isso, o reconhecimento aos númenes do lar mais aconchegaria a família. Identifica-se o dedicante apenas pelo seu *cognomen*, *Rufus*, indicando em sigla (C.) a sua *gens*, decerto bem conhecida (Ribeiro, 2002).

Em Ervedal (Avis), Trepto, que se identifica como escravo de Gaio Apuleio Silão, manda esculpir um pequeno altar a *Fontan-, ob aquas inventas*. É propositado o facto de não se ter gravado na pedra a terminação do teónimo: pode ser *Fontano* ou *Fontanae* (Encarnação, 2010: 142-144). Verificámos que, na árula de

Monte Real, o dedicante optara pela sigla e cada qual que interpretasse como quisesse; vimos que, em Bencatel, a dedicatória é feita *Fontano et Fontanae*; a razão é simples: os deuses não têm género e tanto podem entender-se num como noutro.

No entanto, o que mais suscita interesse na árula de Ervedal é a razão da acção de graças: Trepto encontrou água. Seria, porventura, um vedor cuja intervenção o senhor solicitara, uma vez que tão precisadas estavam de água as suas propriedades e gados. E, obtido o êxito, tanto o escravo como o senhor se mostraram reconhecidos; daí também o facto de, na epígrafe, o senhor vir identificado por extenso, o que não é costume. Trepto sente-se honrado por ter este senhor e o *dominus* honrado por ter um *servus* eficaz na descoberta de mananciais.

Não são muitas as referências conhecidas a vedores na Antiguidade Romana. São designados *aquileges* (*aquilex*, no singular).

Que se saiba, são duas as inscrições que os mencionam:

— Uma, de Boñar (León), lê-se na parede rochosa da montanha Salona, sobre uma nascente termal e é Alexis, um liberto, *aquilegus* de profissão, que a consagra à Fonte (HEpOL 8520);

— noutra, da região de Navarra, é o *aquilegus Quintus Licinius Fuscus* que homenageia as Ninfas (HEpOL 19160).

Santiago Montero (1990-1991) reabilitou uma terceira, tida como achada no termo de Nápoles, mas que se perdeu: referiria que o *aquilegus M(arcus) A(u)relius(?) Vestinus* recuperou, a expensas suas, um *lympheum* e uma fonte. Curioso, o termo *lympheum*, aparentado com ninfeu, lugar das ninfas, não se esquecendo também que *Lumpha* era deusa das águas.

Para além destes testemunhos epigráficos, encontram-se referências a *aquileges* nas fontes escritas antigas.

Assim, lê-se numa das cartas de Plínio ao imperador Trajano: *Sed in primis necessarium est mitti a te vel aquilegem vel architectum an rursus eveniat quod accidit* — “Mas, em primeiro lugar, é necessário que seja por ti enviado ou um vedor ou um arquitecto para que não volte a acontecer o que aconteceu”. Um problema de engenharia hidráulica num aqueduto da Bitínia... (Díez de Velasco, 2013).

“Sudorem aquileges vocant”, escreveu Séneca, uma frase que tem sido interpretada no sentido de se ver em *sudor* um vocábulo técnico (como se o próprio solo suasse): “os vedores chamam suor”. Contudo, a frase completa de Séneca é:

“Sudorem aquileges vocant quia guttae quaedam vel pressura loci eliduntur vel aestu evocantur”, ‘porque essas gotas ou o jorro do lugar são compelidas a sair como que puxadas pelo calor ardente’. Tradução não literal, esta, mas que pode incitar a pensar que há condições atmosféricas mais favoráveis que outras para os vedores detectarem filões subterrâneos. De resto — e Santiago Montero (1990-1991) não deixa de, mui a propósito, o assinalar — o *aquilex* movimentava-se claramente entre dois pólos: o conhecimento técnico e as crenças religiosas. Poderia invocar os espíritos divinos, “por se atribuírem às divindades e génios locais a abundância e perenidade das águas, assim como a sua protecção e tutela”, mas teria uma concepção racional da Natureza, sabia ler o terreno, observar a humidade da terra (o tal “suor”...), as características da vegetação.

Por curiosidade, refram-se mais algumas passagens dos textos clássicos alusivas à actividade dos *aquileges*:

— Tertuliano, na obra *Adversus Marcionem* (3, 5), afirma, a propósito do que Deus proporcionou ao homem: “Quia nec statim aquilicem et agricolam se deus repromisit, dicens: ‘Ponam flumina in regione sitiendi et in solitudine cedrum et buxum’”. Que é como quem garante: Deus não prometeu nem um vedor nem um agricultor, dizendo: “Porei rios em região sequiosa, cedro e buxo na solidão”.

— No *Thesaurus Linguae Latinae*, s. v. “aquilex”, cita-se Tarruntenus (*Digesta* 50, 6, 7), onde se declara “inter immunes militaribus muneribus gravioribus gladiatores aquilices tubarii”; isto é, também os vedores, como os gladiadores e os trombeteiros, estavam isentos das tarefas militares mais pesadas. E, de seguida, referindo as *Variae Epistulae* de Cassiodoro (3, 53, 1), dá-se conta da vinda a Roma de um vedor africano: “aquilegum Romam venisse de partibus Africanis”.

O médico Herófilo de Alexandria tem uma passagem numa das suas obras que vale a pena recordar (Staden, 1989: 415). Alguém, ao que parece, padecendo de hidropisia, terá solicitado a intervenção de um curandeiro que do mal o libertou, disso se tendo vangloriado. Ora, Herófilo não esteve com meias medidas e mangou: “E ufanas-te por ele te ter tirado água da barriga? Eu acho que, nessa circunstância, mais útil teria sido para ti um vedor etrusco” — “Quod ille e ventre aquam mittit, et hoc te iactas? At hoc pacto utilior te Tuscus aquilex”.

A relevância atribuída aos vedores a complementar o que se disse acerca da importância dada à água na Antiguidade.

#### 4. CONCLUSÃO

Esse carácter divino da água será, naturalmente, combatido pelo Cristianismo nascente (Díez de Velasco, 2016).

Ainda que possam matizar-se em pormenores as informações veiculadas, nos seus livros, pelo Professor Blázquez Martínez acerca do culto às águas e às fontes (Blázquez, 1977: 307-331; 1983: 293-295; 2002), registre-se que anota estar “muy extendido en Hispania, como se deduce de la frecuencia com que ese culto es aludido en la obra de san Martín Dumienne y en los concílios visigodos”. Cita a admoestação contida no capítulo XVI do *De Correctione Rusticorum*: “Que não se acendam velas nas penedias, junto às árvores, nas fontes ou nas encruzilhadas [...] e que não se atire pão para as fontes”. A explicação do santo é muito clara: muitos desses demónios, que foram expulsos do céu, são os que ora dominam o mar, as fontes e os bosques. E são os que desconhecem Deus que lhes prestam culto e lhes oferecem sacrifícios como se deuses fossem. Ao do mar chamam Neptuno; aos dos rios, lâmias; aos das fontes, ninfas... (*De Correctione Rusticorum*, cap. VIII).

Sintomático, pois, o discurso, porque não apenas corrobora a informação de um culto pré-existente, como acaba por, indirectamente, reconhecer que há no íntimo (digamos assim) de fontes, de rios e, até, do próprio mar um poder, uma natureza que parece ir para além do que é no concreto, mesmo que sejam, como quer S. Martinho de Dume, demónios expulsos do Paraíso.

Nossa mentalidade racionalista, predominantemente voltada para o que é visível, não diviniza a água; certo é, porém, que — quer ‘santificando’ as nascentes, quer organizando procissões chamadas “rogações” a pedir chuva — a própria Igreja Católica envolve as fontes num manto a que a religiosidade não é alheia. Tendo esse sentimento de transcendência nascido no fundo dos tempos e estando bem patente no nosso quotidiano, pode “o culto” da Água assumir, na verdade, a categoria de arquétipo.

## BIBLIOGRAFIA

- Andreu Pintado, Javier (2017). La sacralización del agua en Lusitania: balance historiográfico, propuesta de actualización y caracterización básica. In Trinidad Nogales (Ed.), *Lusitania Romana. Del pasado al presente de la investigación. IX Mesa Redonda Internacional de Lusitania* (293-312). Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.
- Blázquez, José María (1977). *Imagen y mito. Estudios sobre religiones mediterraneas e ibericas*. Madrid: Ediciones Cristiandad.
- \_\_\_\_\_ (1983). *Primitivas religiones ibéricas. II. Religiones prerromanas*. Madrid: Ediciones Cristiandad.
- \_\_\_\_\_ (2002). Cultos e devoções de cariz aquático no Ocidente em contextos paleohispânicos. In J. Cardim Ribeiro (Coord.), *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa* (21-24). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- Crouch, Tony (2020). Roman Bath: An international visitor destination. In José d'Encarnação (Edit.), *Villae Romanas – Investigação e Inovação*. Cascais: Câmara Municipal, 2020, 74-83.
- Diez de Velasco, Francisco (1985). Balnearios y dioses de las aguas termales en Galicia romana. *Archivo Español de Arqueología*, 58, 69-98.
- \_\_\_\_\_ (1998). *Termalismo y religión. La sacralización del agua termal en la Península Ibérica y el norte de África en el mundo antiguo*. Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense.
- \_\_\_\_\_ (2002). O Balneário de Baños de Montemayor. Inscrições votivas. In J. Cardim Ribeiro (Coord.), *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa* (141-144). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- \_\_\_\_\_ (2010). La naturaleza entre la concreción y la abstracción: el imaginario de las divinidades termales en la Península Ibérica antigua. In Santiago Montero; M. C. Cardete (Eds.), *Naturaleza y religión en el mundo clásico. Usos y abusos del medio natural* (151-164). Madrid: Signifer Libros.
- Diez de Velasco, Francisco (2013). Ingeniería hidráulica y religión en el Imperio Romano: Trajano y la construcción de canales. In Alicia Cámara Muñoz; Bernardo Revuelta Pol (Eds.), *Ingeniería Romana. Que la Majestad de Tu Imperio Cuente con el Adecuado Prestigio de Edificios Públicos (Vitruvio)* (47-64). Madrid: Fundación Juanelo Turriano.
- \_\_\_\_\_ (2016). Los lugares de culto pagano de las aguas y su pervivencia en el cristianismo: el caso del termalismo en la Península Ibérica. In José Ángel García de Cortázar; Ramón Teja (Coords.), *Los monasterios medievales en sus emplazamientos. Lugares de memoria de lo sagrado* (41-63). Madrid: Fundación Santa María la Real, Centro de Estudios del Románico.

- EDCS = Epigraphik Daten-bank Claus/Slaby. Consultado a 09-09-2019, <http://www.manfredclaus.de/gb/>
- Elena, Ana Garrido; Mar, Ricardo; Martins, Manuela (2008). A Fonte do Ídolo. *Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas*, 4.
- Encarnação, José d' (1985). Ara votiva a Triborunnis. *Ficheiro Epigráfico*, 14, inscrição n.º 59.
- \_\_\_\_ (2010). *Epigrafia. As pedras que falam*. 2.ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- \_\_\_\_ (2011). Viver, filosofar... viver! In M. J. García Blanco; et al. (Eds.), Ἀντίδορον, *Homenaje a Juan José Moralejo (165-174)*. Santiago de Compostela: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Santiago. Consultado a 09-09-2019, <http://hdl.handle.net/10316/16438>
- \_\_\_\_ (2017). As termas de Monte Real e a divindade romana aí venerada. *Cadernos de Estudos Leirienses*, 14, 51-63. Consultado a 09-09-2019, <http://hdl.handle.net/10316/44866>
- \_\_\_\_ (2018). 28 anos de estudos sobre religião na Lusitânia romana. In T. Nogales Basarrate (Ed.), *Lusitania Romana: del pasado al presente de la investigación (47-58)*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano. Consultado a 09-09-2019 <http://hdl.handle.net/10316/81039>
- Fernandes, Luís (2002). As águas e o factor religioso na província romana da Lusitânia. In J. Cardim Ribeiro (Coord.), *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa (131-140)*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- Hatt, Jean-Jacques (1970). Circonscriptions d'Alsace. *Gallia*, 28-2, 317-342.
- HEpOL = Consultado a 09-09-2019, <http://eda-bea.es/>
- IRCP = Encarnação, José d' (2013). *Inscrições romanas do Conventus Pacensis. Subsídios para o estudo da romanização*. 2.ª ed. Coimbra: Instituto de Arqueologia [1.ª ed. 1984]. Consultado a 09-09-2019, <http://hdl.handle.net/10316/578>
- Jacobi, Jolande (2013). *A psicologia de C. G. Jung. Uma introdução às obras completas*. Pról. C. G. Jung. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_ (2017). *Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C. G. Jung*. Pref. C. G. Jung. Trad. Milton Camargo Mota. Petrópolis: Vozes.
- Jung, Carl Gustav (1978). *Psicologia do inconsciente*. Trad. Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes.
- Marco Aurélio (1971). *Pensamentos*. Trad. João Maia. Lisboa: Verbo.
- Montero, Santiago (1990-1991). Conocimiento técnico y creencias religiosas de una profesión: los *aquileges*. *Faventia*, 12-13, 247-252.
- Peréx Agorreta, María Jesús; Miró i Alaix, Carme (2017) (Eds.). *Ubi Aquae ibi Salus. Aguas minero-medicinales, termas curativas y culto a las aguas en la Península Ibérica (desde la Protohistoria a la Tardoantigüedad)*. Madrid: UNED.

## A Entidade Sobrenatural da Água

Ribeiro, Ana (2002). Manifestações particulares de devoção: as ámulas de *Conimbriga*. In J. Cardim Ribeiro (Coord.), *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa (193-199)*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

Staden, Heinrich von (1989) (Ed.). *Herophilus. The art of medicine in Early Alexandria*. Cambridge: Cambridge University Press.

Zucca, Raimondo (1986). *Fordongianus*. Sassari: Carlo Delfino.

[texto escrito no antigo acordo]